

HÍBRIDOS DA MODERNIDADE

Registros da Natureza e da Sociedade Confundidos

*Olívio A. Teixeira*¹

Bruno Latour, sociólogo e filósofo, demonstra em « Esquisse d'un parlement des choses » (revista *Ecologie Politique*, 1994, n° 10, pp: 97-115) que constatamos, nestes últimos vinte anos, uma profunda transformação daquilo que costumamos chamar de filosofia da ciência. Saímos de uma filosofia da ciência restrita para uma filosofia da pesquisa vista de uma forma mais abrangente, já que nenhum dos traços intelectuais que permitiriam distinguir a ciência das outras atividades sociais concernem à pesquisa, notadamente suas ligações com a política, a economia e a cultura. A fim de compreender essa transformação, o autor nos relembra que, antes desse período, havia duas grandes escolas de pensamento em termos de filosofia da ciência: de um lado, a *externalista*, que se preocupava em compreender os cientistas a partir deles mesmos (carreiras, corporações, ideologias), estabelecendo, portanto, uma história social dos cientistas ; e de outro, a *internalista*, que procurava reconstituir, de maneira racional, as idéias científicas, sem se deixar perturbar pelos outros elementos que estão fora do absolutamente científico (política, organização, etc.).

Tomando como exemplo o desenvolvimento de uma controvérsia científica típica sobre a evolução da floresta amazônica entre pedólogos e botanistas², o autor procura mostrar os impasses analíticos a que conduzem essas duas concepções polares da « filosofia da ciência », propondo reconsiderar a questão do conteúdo científico; para isso, ele a introduz na discussão das práticas científicas³. Neste exemplo, B. Latour recupera cinco horizontes diferentes do problema, todos necessários e importantes ao trabalho científico: os instrumentos científicos, que ligam a pesquisa ao mundo da ciência; a comunidade científica e os colegas das mesmas especialidades; as alianças institucionais, nacionais e/ou internacionais, públicas e/ou privadas; a dimensão política da questão estudada

¹ Prof. da UFPB-Campina Grande e-mail: teixeira@ch.ufpb.br

² Para conhecer com detalhes o desenvolvimento dessa controvérsia, veja: LATOUR, B. *La clef de Berlin*. Paris: La Découverte, 1993. p. 171-225.

³ Uma apresentação pedagógica dessa nova abordagem da sociologia das ciências pode ser encontrada em: LATOUR, B. *La science en action*. Paris: La Découverte, 1989.

e suas influências internas e externas ao estudo e, principalmente, o que sustenta os outros quatro horizontes, mas que só pode ser pensado a partir deles – a teoria, a idéia, o conceito ou, numa palavra, o conteúdo científico. Dependendo portanto das articulações feitas entre esses horizontes, será extremamente diferente a configuração resultante em termos desse conteúdo.

Ao discutir o desenvolvimento do mundo moderno, o autor sustenta que, contrariamente às práticas “pré-modernas” que se esforçavam por estabelecer numa única direção de pensamento as ligações e as articulações entre a natureza e o homem, as práticas “modernas” desdobraram-nas em duas esferas diferentes e contraditórias, produzindo, crescentemente, uma maior proliferação dos “híbridos” analíticos. Esses “híbridos ou monstros”, nas palavras de Latour, obrigam a repensar as ligações entre a natureza e a sociedade, estabelecendo um “parlamento das coisas” e indicando que “a durabilidade do desenvolvimento não é mais possível nos quadros de uma teoria da modernização” e que, portanto, “para tornar-se durável é preciso deixar de ser e sobretudo de ter sido moderno”⁴.

Na perspectiva de construção de um desenvolvimento durável, Latour ensina que é preciso romper com a visão compartimentalizada entre pesquisa, política e administração pública, buscando compreender a formação das “redes sócio-técnicas”⁵, sua organização e/ou redistribuição, para poder clarificar as diferentes operações de tradução que os “híbridos” produzem entre elas. Como mostra neste texto, sua proposição metodológica, em vez de realizar uma epistemologia da ciência, desenvolve uma sociologia, que é também uma antropologia, das práticas de pesquisa. E, enquanto “a ciência repousa sobre a certeza, a pesquisa, sobre a incerteza, o desconhecido, o risco, o desafio; a ciência apóia-se sobre idéias ou microteorias, a pesquisa sobre práticas; enfim a ciência é autônoma, a pesquisa é conectável ou conectada”. Assim, a pesquisa mostra-se efetivamente mais articulada às questões da política e da administração pública, podendo fornecer o modelo de sua constituição e de sua metodologia de trabalho à organização do “parlamento das coisas” ou “dos híbridos”.

⁴ Veja a explicitação desse exercício de antropologia simétrica em LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

⁵ A discussão da formação e da evolução das « redes sócio-técnicas » é um dos objetos de estudos privilegiados do « Centre de Sociologie de l'Innovation-CSI », ao qual Bruno Latour é vinculado. Uma definição do que são essas redes, bem como sua aplicação ao impacto sócio-econômico das inovações científicas, são encontradas no recente livro de seus colegas: CALLON, M. et al. *La gestion stratégique de la recherche et de la technologie*, Paris: Economica, 1995. p. 415-462.

A novidade desse parlamento é que ele estende aos “híbridos” o privilégio da representação, da discussão democrática e do direito. A construção do “parlamento dos híbridos” se dará a partir da experiência da política, da ciência e da administração pública. Da política, ele toma emprestado seu modelo fundamental, a representação incerta e a relação de mandato e de “porta-voz”; da pesquisa, sua organização sistemática da prova experimental e de seu registro científico; da tecnocracia, seu modelo de gestão dos arquivos e de procedimentos de avaliação pública. O mais surpreendente é reservado aos tecnocratas, pois eles são obrigados a abandonar o duplo jogo — falar de verdade científica aos políticos e de decisão política —, cientistas, para praticar outra forma de duplo desafio: “traduzir em necessidades científicas as necessidades políticas e traduzir em decisões políticas as decisões científicas”.

A pesquisa, portanto, estará encarregada, no “parlamento das coisas”, pelo estabelecimento de um “protocolo de suas experiências científicas”, de constituir-se em “porta-voz” desses híbridos que surgem das combinações entre as esferas da natureza e da sociedade nesta “modernidade”, e que são, cada vez em maior número e em maior grau, evidenciados por questões como a articulação do meio ambiente e da agricultura.